

José Joaquim Antunes, director do C.R.S. S. de Castelo Branco

CCD's estimulam para as causas da Segurança Social

[O Director do Centro Regional de Segurança Social de Castelo Branco considera os CCD's essenciais para a criação de um clima de trabalho propício à produtividade, porque mais harmónico e consciente dos valores e das causas que motivam a instituição. Um maior reforço dos apoios à criação artística e cultural dos associados e apoios sociais específicos em casos de carência são factores que, para este responsável, deveriam estar mais presentes nas actividades destas associações.]



Como vê a existência de um CCD forte e dinâmico aqui no Distrito?

O CCD é uma organização de trabalhadores que contribui para manter o espírito desta casa, vestirmos todos a mesma camisola e abraçarmos as causas da segurança social. Portanto, são organizações que fazem com que este espírito, que nos une, vá passando de funcionário para funcionário e se vá entranhando na organização distrital de modo a que os funcionários se identifiquem com os valores da instituição globalmente considerada. Esta ideia de que ser trabalhador da segurança social não é ser trabalhador de uma outra qualquer área da Administração Pública, é um trabalho de causas para a solidariedade, que começa entre nós, é uma tare-

fa importantíssima. A outra é contribuir para um clima social propício ao bom funcionamento da organização. O CCD tem funções eminentemente sociais, de relacionamento com os trabalhadores, de apoio às suas actividades, sejam de carácter recreativo, desportivo ou associativo. Isto é muito valorizado por nós, porque trabalhar num bom ambiente é mais produtivo e é melhor do que o contrário.

Há um rejuvenescimento no quadro de trabalhadores?

Há. Eu conheço o quadro de trabalhadores do distrito há mais de 15 anos e nos últimos anos houve algum rejuvenescimento. Por dois factores: porque os quadros mais antigos se foram aposentando, mas também porque, nos final dos anos 90, houve

entrada de nova gente para a estrutura da Segurança Social. Essa entrada de novos funcionários teve a ver com o aumento de funções no Centro Distrital. Nós recebemos um lar de jovens que necessitou de pessoal: assistentes sociais, psicólogos, monitores, educadores. Mais tarde, recebemos outra instituição para jovens, a Casa da Tapada da Renda, que trouxe mais funcionários, muitos deles jovens ainda. Por outro lado, para novas funções, relacionadas com o Rendimento Social de Inserção, os processos tutelares cívicos e para os estabelecimentos integrados houve entrada de funcionários e foi isso que contrabalançou a saída de gente com idades mais avançadas.

O enquadramento dessa nova

gente com o espírito, a cultura e os valores da organização teve no CCD um parceiro?

Absolutamente. Aqui no distrito há uma situação particular, derivada da história da Segurança Social no Distrito, que é a existência de dois CCD's. Ou seja, há um CCD que abrange o Serviço Local da Covilhã. Mas isso não tem levantado problemas e tem havido uma articulação perfeita. Obviamente que a passagem de testemunho das organizações - a memória, a história, os princípios e valores - deve ser feita e os CCD's muito têm feito por isso. Mais, o CCD acompanha não só os que entram mas também os que saem. Ou seja, procura estar próximo de todos, por forma a que as suas iniciativas acabem por unir uns e outros. Por vezes, são os próprios funcionários que não acompanham a energia do CCD.

Sente que há um enfraquecimento do espírito associativo?

Isso é um sinal dos tempos. Não é uma situação particular dos CCD's. As pessoas são solicitadas para muitas actividades extra trabalho e extra movimento associativo relacionado com o trabalho. Eu conheço relativamente bem o fenómeno e diria que já não há associações como antes, 30, 40 anos atrás. Actualmente existe uma miríade de associações, muito específicas. Ou seja, há funcionários com menor participação no CCD mas que desenvolvem actividades noutras associações, relacionadas com outras fontes de interesse, como a informática e a internet, o meio ambiente, desportos radicais, associações cívicas ... enfim. Eu não acho que uma menor participação, nesta ou naquela associação, signifique necessariamente um enfraquecimento do espírito associativo. O que acontece é que associações mais tradicionais fornecem respostas e oferecem actividades que não correspondem aos interesses actuais dos trabalhadores. Os funcionários hoje não têm só como oferta uma associação sócio-profissional. Têm muitas associações em que podem participar.

Os CCD's nasceram, exactamente como diz o nome, como centros de cultura e desporto. Mas, hoje,

a sua actividade é cada vez mais de natureza social e solidária.

É verdade, mas aqui essa vertente ainda não será tão forte como noutros lados. Aqui o CCD tem muita actividade e aplaudida pelo trabalhadores, no activo, pensionistas e reformados, chamando-os aos convívios, dando-lhes oportunidades de participação, dando-lhes até apoio em situações de carência extrema ou dificuldades momentâneas. Mas, o cariz social ainda não tem essa força que poderá ter já noutros lados, penso eu.

Como é que classificaria o relacionamento entre o CCD e a instituição Segurança Social aqui no Distrito?

Sempre foram boas. Como eu disse há pouco, é bom reconhecermos que as instituições têm tradições e um certo modo de fazer e aqui em Castelo Branco, as direcções, os directores, os variados directores tiveram sempre relações muito proveitosas com o CCD. As sucessivas direcções do CCD, aquelas que eu conheci, colaboraram sempre com a instituição Segurança Social. Tiveram sempre uma perspectiva institucional. Isto é, nunca se colocaram numa posição de interesses antagónicos, antes pelo contrário. E eu julgo que todos compreendemos que é bom e salutar haver uma relação de colaboração e entendimento e foi isso que existiu e existe.

Não tem havido problemas com os apoios da tutela?

Não. Aquilo que é das minhas funções para cumprir o acordado entre os CCD's e a

tutela é feito sem constrangimentos, nem financeiros nem organizacionais. E as coisas têm corrido bem. Estamos abertos, como sempre estivemos, aos ajustamentos necessários.

O que é que gostaria que o CCD fizesse e não faz?

Eu penso que há uma actividade que deveria ser reforçada e que é de natureza cultural. Há funcionários nossos que têm práticas culturais, ao nível da pintura, da escrita, da fotografia, etc. e que precisam de apoio para revelar esses talentos. Eu penso que o CCD não faz isso suficientemente bem. Eu sei que é mais difícil e que é um trabalho individualizado e que muitas vezes os próprios trabalhadores executam essas actividades de forma escondida. Mas há sempre um colega que sabe. É preciso estimular e apoiar essas actividades. Seria gratificante para todos. Outra área é a diversificação dos apoios. Há os manuais escolares que são caríssimos, as propinas, os custos de internamento em unidades hospitalares especializadas ou outras coisas. Julgo que os CCD's poderiam ter aí um papel importante. Em vez de certas actividades universais, de benefícios pouco directos, seria preferível ter mais benefícios específicos a associados carenciados e em situações muito concretas. Eu sei que isto já existe, mas precisa de ser reforçado.

Esta ideia de que ser trabalhador da segurança social não é ser trabalhador de uma outra qualquer área da Administração Pública, é um trabalho de causas para a solidariedade, que começa entre nós, é uma tarefa importantíssima.